

# CONGRESSO ACADEMICO

PUBLICAÇÃO MENSAL

REDACTORES:

Newton Burlamaqui (Redactor-Chefe) — Rodrigo Costa (Redactor-Secretario)

Augusto Aristheu (Redactor-Gerente) Laudelino Baptista

CAPITAL

TRIMESTRE..... 2\$000

Recife, 15 de Novembro de 1897

FORA DA CAPITAL

TRIMESTRE..... 2\$500

## AVISO

O *Congresso Academico* está registrado perante o Official publico de hypotheca segundo determina a lei federal n. 173 de 10 de Setembro de 1893 e assignou termo de responsabilidade, nas pessoas de dous de seus redactores, no Contencioso Municipal, segundo prescreve a lei estadual n. 140 de 28 de Junho de 1895.

D'estas leis decorre que o *Congresso Academico* é uma pessoa juridica e que sómente nós podemos usar *ex-jure* do titulo *Congresso Academico*.

## EXPEDIENTE

REDACÇÃO—RUA PAULINO CAABRA N. 28, 2.º ANDAR.

SUMMARIO:—*Marechal Bittencourt* —*Paula Ney*, Clovis Bevilacqua —*O origem da « Plebs » segundo Fustel de Coulanges*, Samuel MacDowell, filho—*O padrinho de minha boneca*, A. F. B.—*Mysticismo*, Augusto Meira—*Genese do Processo*, Newton Burlamaqui—*O evolucionismo no Direito Civil*, Rodrigo Costa—*Contrastes*, Augusto Aristheu—*Seleccção*, Gonzaga de Arruda—*A domadora*, Augusto Cavalcanti—*Pontos nos ii*, Augusto Aristheu—*Volta*, Corrêa Lima—*15 de Novembro*, R. C.—*Miraval*, Olintho Meira—*Archivo*.

## CONGRESSO ACADEMICO

### Marechal Bittencourt

O telegrapho nacional transmittio a 5 do corrente a tragica e desoladora noticia do barbaro e frio assassinato do marechal Bittencourt, então ministro da guerra.

Profundo é o sentimento que enluta a alma brasileira, ainda n'este momento preza da maior tragedia politica desenrolada na ultima metade deste seculo. Cerro Azul, Batovy, cujas cabeças olympicas saltaram em 94; as victimas immoladas á sanha de Gumerceindo Saraiva nos vastos pampas do sul, nada disso nos dá noticia de attentado tão monstruoso!

Justa ou injusta, n'aquella época vivamos uma guerra aberta ou pelo menos uma commoção interna, em quanto que hoje vemos um punhal homicida, guiado por uma sêde de governo que vê no crime, na calumnia, na traição enfim, os degrãos ascencionaes da escada do poder...

Pessimo meio esse!

Si é verdade que os nossos conceitos não se estendem aos leaes adversarios do governo moralizador que felizmente guia a nádo do Estado, não é menos certo que a grande maioria d'essa opposição compõe-se de elementos disolventes, incapazes de uma organização seria, que garanta a paz e estabilidade sociaes.

E' por isso que esses *domicéllas russos* vendo no honrado presidente da republica e no heroico marechal ministro o obstaculo ás suas paixões injustificaveis, o restabelecimento da cohesão social, a creação de uma lei de unidade, legitima portadora da ordem e harmonia interiores, premiditaram o crime politico, cuja realisação, em parte, a patria inteira deplora!

Vehiculo conducente do equilibrio e paz sociaes, o marechal Bittencourt promettia á republica brasileira dias mais felizes.

Produzindo dispersão e anarchia, provocando conflictos, a politica jacobina do Rio de Janeiro entendeu ser no governo actual uma solução de continuidade do governo que a creou.

E como fosse o marechal Bittencourt o cáes intranspunivel contra o qual se quebravam sempre as injustas pretensões d'esses elementos perigosos, a traição, mas a traição elevada ao seu superlativo, dando passagem ao crime mais hediondo, roubára á republica as suas melhores esperanças.

Pobre republica brasileira!

Roma se constituindo não homiziára entes tão perversos!

O «Congresso Academico», escoidado da politicagem que tudo corrompe e infecciona, profundamente commovido, dá pezames á patria, e estigmatizando o crime monstro, ajoelha-se reverente ante a memoria do grande morto.

### Paula Ney

Paula Ney!

Que saudosas recordações não evoca em meu espirito a simples audição d'esse nome que ha de ficar perpetuado nos fastos de nossa litteratura, como na litteratura franceza o do sympathico e doce poeta dos *Tres véos de Bertha*; que ha de permanecer na memoria dos contemporaneos, como o de um companheiro jovial e bravo, que passou pela existencia a malbaratar as opulencias de sua mentalidade de eleição, n'uma actividade febril de quem tem pressa de chegar, porque sente que não valem a pena as cadeiras para a produção duradoura. E sempre alegre, e sempre generoso, e sempre com o coração aberto para todos!

Quando, em 1872, descia eu dos cielos nevontos da Ibiabapa, para internar-me n'um collegio da Fortaleza, já o Ney era um menino celebre, que fazia discursos patrioticos deante de passeiadas, e tinha agudezas de espirito que o tornavam distincto na roda maca busia dos collegiaes, e faziam reflect r os espiritos graves.

Mais tarde fomos companheiros de casa, elle estudante da Eschola polytechnica e eu preparatoriano ainda.

Habitavamos os fundos de um sotam, na rua do General Camara. Misera vida de estudantes sem fortuna para essa, mas a que o inexgotavel thesouro de communicativa alegria que possuia o Paula Ney, emprestava uma atmospheria luminosa e quente de enthusiasmo, de esperanças, de satisfação, de ventura.

Depois separámo-nos, eu para fazer o meu curso juridico e elle para ser o eterno estudante, a perigrinar da Eschola polytechnica para a de medicina, do Rio para a Bahia, e para deramar, pelos jornaes da metropole brasileira, as caudas de seu espirito finissimo, na posição secundaria de *reporter*, quando possuia talento bastante para ser redactor em chefe.

Paula Ney foi jornalista vivaz e fecundo, orador de palavra facil e arroubos emocionantes, chronista aligeiro e indefesso, e, sobretudo, um conversador inexgotavel, cuja prosa, como um arroyo de leito pedregoso, tinha ruidos de varios tons, a gargalhada franca, o motejo, as fulgurações do espirito superior e o sorriso amavel, que punham notas deliciosas no fluir da narração.

E de tudo isso, o que ficou?

O vazio na sociedade onde elle viveu, e a saudade no coração dos amigos que o estimavam em vida, e mais o prezam ainda na purificação da morte que lhe tirou o *dom da palavra*, mas não lhe trago de certo a alma lucilante. Esta adejará por muito tempo em torno de nós, para desabrochar em flor, na historia litteraria do paiz.

Sejam as palavras que aqui ficam, um punhado de goivos colhidos no campo das saudades, para serem desfolhados sobre o tumulo de um batalhador que tombou na lucta, quando ainda não havia dado á patria extremecida sinão uma parte minima do que eram capazes as suas poderosas faculdades!...

CLOVIS BEVILAQUA.

### Origem da «Plebs» segundo Fustel de Coulanges.

Mal seguro, conforme vimos, o embasamento das theorias mais em vista sobre a origem da *plebs*, passemos a examinar como a pretende nascida o eminente auctor da *Cité antique*, esse precioso livrinho que tanta luz projectou sobre os primordios das sociedades aryanas.

Como já observamos, Fustel de Coulanges attribue ao seu methodo historico summa importancia para o desvendamento dos segredos da antiguidade.

O erudito escriptor é do numero d'aquelles para os quaes nos prisceos evos ha sempre minerio abundante, o qual por muito que se haja cavado, ainda existe por encontrar.

Perante as grandes explorações historicas emprehendidas por sabios do vulto de Niebuhr, de Mommsen, de

Lange; ao compulsar as suas obras marcadas com o cunho de espiritos privilegiados, elle não se obceca para aceitar tudo como a verdade incombustivel, antes entrega-se de preferencia á duvida e, só recebendo a opinião do historiador moderado a beneficio de inventario, vae procurar a fonte onde elle bebeu, afim de verificar-se o seu sorvo não perturbou a limpidez do manancial, se a palavra do presente não trahiui, não desnaturou o verbo do passado.

Justifica-se este escrupulo se attentar-se no quasi impossivel em que se vê um escriptor para emancipar-se totalmente do seu eu, alienar-se por completo do espaço e do tempo em que vive, por forma que o seu juizo incida sobre o plano da historia com a rectidão da perpendicular.

E' com effeito da inspecção subjectiva dos acontecimentos, do facto de representarmos o passado com uma *mise-en-scene* do nosso tempo, que nascem todos as falsas vistas da historia.

D'ahi as sombras, quando não a treva, que ainda em muito ponto envolvem a historia romana, má grado o grande trabalho que de certo tempo a esta parte sobre ella tem exercido a erudição, precipuamente allemã.

Respectivamente a essa historia, para maior difficuldade, aceresce, ao grave inconveniente a que acabo de alludir, a deficiencia de documentos.

Tendo em mente estas considerações, pondera Fustel de Coulanges que, « estudar a historia de uma sociedade antiga nos livros modernos, por notaveis que sejam varios d'estes livros pelo talento e pela erudição, é sempre correr o risco de adquirir uma idéa inexacta da antiguidade.»

Ao seu ver, é tam só aos documentos antigos que devemos consagrar plena confiança, não lendo-os superficialmente, pela rama, tomando como realidade a apparencia illusoria com que se manifestem á primeira vista, mas, «com uma attenção escrupulosa e buscando, em cada palavra, o sentido que a lingua do tempo attribuiu a cada palavra, em cada phrase o pensamento do auctor.»

Segundo vê-se, ha em Fustel de Coulanges uma quasi idolatria pelo documento, do qual elle faz quicá a pedra de toque exclusiva de qualquer facto historico. E' esta a mais avultante saliencia de sua vasta producção scientifica.

Não o acompanhamos todavia para adoptar em identica medida o methodo que lhe guia os passos; apenas dando a conhecer a sua opinião sobre o problema da origem da plebe, entendemos convenientemente esboçar o processo de investigação posto em pratica pelo insigne escriptor.

Precisamente, em relação ao referido problema, se fazem sentir sobre modo as difficuldades que acabamos de assignalar, porque ás analogias que a critica subjectiva á primeira olhada n'elle encontra com factos muito posteriores, e que a induzem a um crite-

rio de probabilidades ou verosimilhanças, allia-se a falta lamentavel de uma definição da plebe nos escriptores da antiguidade.

Mas, se nenhum livro, inscripção alguma dos primeiros seculos de Roma chegou até nós, encontramos algumas formulas culturaes e divinatorias guardadas por escriptores posteriores; n'estes mesmos, certos trechos, narrativos até de acontecimentos, que, de par com a analyse de certas instituições, nos fornecem material sufficiente para arcabouçar as linhas essenciaes d'aquelle grande coefficiente demographico da primitiva Roma.

Um primeiro facto averiguamos com esses subsidios historicos; é que a *plebs* antiga não fazia parte do *populus* e era distincta dos *clientes*.

E' assim que, narrando a partida de uma frota romana, no anno 204 antes da nossa era, attesta Tito Livio (XXIX, 27) que o general tinha o dever de, ao incetar uma expedição, pronunciar uma oração n'estes termos: «Deuses e deusas que occupaes terras e mares, dirijo-vos esta prece para que todo o que se fizer sob meu commando redunde em bem do povo romano e da plebe romana, » *populo plebique romanae*. Tambem quando um consul presidia os comicios para a eleição dos consules do anno seguinte, invocava os deuses, «afim de que d'aquillo que se ia fazer proviesse felicidade para o povo e para a plebe romana » (Cicero, *pro Murena*, 1).

(Continúa).

SAMUEL MAC-DOWELL, Filho.

### O padrinho de minha boneca

Era um bom rapaz, serio e affavel, mas de uma fealdade como nunca vi outro!

Fallava devagar, muito baixo, pausando sempre as palavras.

Os olhos pequeninos, muito juntos, faziam um contraste esquisito com o rosto enorme.

A testa estreita perdia-se n'uma cabelleira preta e espessa á semelhança de barrete.

Era o padrinho da minha boneca, uma encantadora *bébé*, que chorava, piscava os olhos e chamava *papai* e *mamã* com uma graça inimitavel. Eu gostava do padrinho da Laura, porque elle era muito generoso para com a afilhada. Que infinidade de brincados e galanterias eu não partilhava com a minha Laura, sempre tão quieta e guardando uma fixidez impertubavel nos grandes olhos azues!...

Uma tarde encontrei-o na sala de visitas affagando a *pequenina*; eu voltava do collegio.

Sentei-me, e comecei a palestrar com toda a sisudez, como uma moça. Depois, n'uma garrulice de creança despreocupada, fui minuciosamente contando todos os acontecimentos do

dia, brigas entre as collegas e outras tolices sem valor.

Afinal fiz ponto.

Pepita, disse-me elle:

V. quer casar commigo?

Eu não!...

E com você!?... respondi offendida:

Nunca. Deus me livre... e levantei-me arrebatada possuida de uma grande raiva, olhando de sobr'olho carregado:

Não sou mais sua amiga, está tudo acabado. E um soluço irrompeu-me tão sentido que o commoveu.

Com esse gracejo desapareceu para sempre toda a sympathia que me ligára a elle.

Detestava-o!...

Dias depois estavamos na sala rodeando a mesa de jantar, eu palestrava com aquella alegria peculiar das creanças quando acham quem lhes preste attenção.

Bateram á porta.

Voltei-me de máo humor por ser interrompida.

Era o meu ex-amigo. Junto a mim depositou um lindo bouquet de flores e um embrulho de doces...

E' para a minha noivinha, disse com a sua voz sibiladamente pausada.

N'um movimento convulso de creança irritadiça e malcreada, eu dei um grito formidavel:

Me deixe, seu feio!...

E atirando-lhe com estouvamento os doces, desapareci.

Deixei-o fulminado por um despeito que mal pôde conter!

Foi tambem a ultima vez que eu vi o padrinho da minha boneca!...

A. F. B.

## Mysticismo

A JOÃO BARAFUNDA

São seis horas da tarde! na visinha ermida  
Esfolha o campanario a prece dolorida  
Na fria languidez monotona do espaço!  
E eu colho essa oração feliz no meu regaço  
A sós meu doce amor!... lembro-me dos dias  
Em que unida a mim, em castas alegrias,  
Vo tuda para o azul infindo, opalescente  
Offertavas a Deus, dulcissima e fervente  
No calix de tu'alma o mel de uma oração,  
Ao zeloso pulsar d'este meu coração!

O céu ermo e sombrio e tetrico e nublado...  
E o sol se estertora enorme, escalavrado  
Das brumas no lençol, em frias contorsões  
Gotteja pelo espaço os ultimos clarões!

Estou só, meu amor!... risonha la por fora  
Das creanças chilrea a multidão sonora  
Rollão carros... e os bois monotonos e graves  
Se acoutão nos redís; as peregrinas aves  
Deslisam pelo azul... estridulos farfalham  
Ao longe os palmeiras... e indomitas gargalham  
Na praia as convulsões titanicas do mar...  
E essa orchestra em mim, vem gelida ecoar  
Em pulverisações lancinantes, maldictas  
De tristeza e de dor e saudade infinitas!...

Já transparece alem, na fúidez dos véos,  
Meu anjo, no doce vastissimo dos céos,  
Entre os nimbos, silente e merencoria a lua,  
Como um sonho de Deus, que a resvalar fluctua!...

Como eu era feliz si juncto a mim pudesse  
Olhar-te meu amor!... Si languido viesse,  
De minh'alma, feliz n'um hymno de alegria,  
Teu riso povoar a solidão sombria!

A sede do porvir, o céo, o mundo inteiro  
Esquecera talvez!... o eterno, alviçareiro,  
Esplescente prurir das cerulas grandezas,  
E tudo que pudesse fascinar... riquezas,  
Os calidos festins, as maldições do crime.  
O rancor dos chacaes, a pavidéz do vime,  
Esquece-ra talvez... A gloria, os idéaes  
De teu olhar seriam os lucidos phanaes!  
Deslebrado de mim, guardára a propria vida  
Na veiga de tu'alma virginal, florida!

Oh! si eu beijar pudesse as tuas mãos mimosas,  
O lyr o de teu seio, de tua face as rosas!  
Timido os estreitar juncto ao meu coração  
Na pyra virginal de meu amor de irmão!

Si eu pudesse através a limidez serena,  
Virgem de teu olhar, scriir como a phana,  
Que adeja nos rosaes... e em tremulos desejos  
A minh'alma orvalhar na o encia de teus beijos,  
Eu era mai feliz, risonha creatura  
Que os anjos pelo azul da sideral planura!

Como eu era feliz si n'essas mesmas horas  
Tristissimas da tarde, em effusões sonoras  
Do affago virginal de teus melifluos beijos,  
De teus olhos á luz, aos roridos adejos  
De tu'alma, á sorrir pudesse entre desvellos  
A' sombra dormir de teus negros cabellos!

Quando a noite farás oh minha boa irmã,  
Nos incendios febris de nitida manhã,  
Em seu brando sorrir de lyrios, de creanças  
Esfoluando no azul as petalas das tranças?!  
E quando far-me-ás os lobregos martyrios  
De meu ser, em jardins dulcissimos de lyrios?!

Sim, quando nos veremos de joelho, unidos,  
Voltados para os céos, sob os vergeis floridos  
De creanças e de amor, nos roridos matizes  
De venturas sem termo, á offerecer felises  
No altar do coração em halos de ternuras,  
Nossas almas a Deus, immaculadas, puras?!

Suspensa e eutanto a sós meu peito solitario,  
Meu oasis em flor, meu dulcido sacrario.

Estou só meu amor!... e fria e lancinante  
Repassa-me teuz o espinho lacerante  
Da saudade sem fim, que envolve a minha vida  
N'um suario de magoa eterna, indefnida!...

AUGUSTO MEIRA.

## Genese do Processo

(Conclusão)

Si os meus estudos, se os de outros são de valor somenos, não me entristeço eu, nem se devem entristecer os fracos. Mas não podem os fortes desconhecer que trabalhamos.

C. Becilagua.

Cumpriríamos a nossa promessa, estariamos em harmonia perfeita com a logica, nenhuma infracção trazendo ás suas leis se, transpondo o campo da historia do processo, invadissimos os vastos e mal transitados dominios da pre-historia processual, levando as nossas investigações ao remotissimo periodo patriarchal.

O titulo d'esse artigo a tanto nos autorisa, é assaz convidativo.

Necessidades outras, quiçá mais palpitantes, aconsellam-nos a restringir o campo das nossas observações deixando para occasião mais opportuna o estudo largo d'este curioso assumpto. Por agora as nossas indagações sobre a materia não levaram á intelligencia do benevolo leitor o sainete da originalidade.

Onde quer que busquemos o direito a idéa de coactividade estará sempre a seu lado. Importando uma restricção, um limite na apparencia, é na realidade uma especie de egide, um tegumento defensivo, sem o qual nenhum direito poderia affirmar-se, poderia existir. O processo que é a effectividade d'essa coacção, tem necessariamente a sua genese ligada a origem do direito: a progenie é a mesma. Si é verdade que no seu desenvolvimento cada qual, obedecendo a lei da separação, cresce e rege-se por leis proprias, não é menos certo que se completam: a forma torna-se muitas vezes indispensavel ao fundo do direito e vice-versa.

Determinar, portanto, o momento e o modo pelo qual o direito surgio na sociedade, é conseguir o mesmo desideratum para o processo.

Não precisamos, porém, beber nas tradições dos Genesis, tantas vezes contestadas, nem apanhar os illogicos e inharmonicos subsidios que nos hão fornecido a paleontologia e archeologia, para termos uma idéa lucida da formação do processo.

Os povos selvagens que ainda hoje povoam a face do globo dar-nos-ão o estudo seguro dos primeiros delineamentos do processo.

E' estudando-os na sua barbara idéa do direito, analysando as formas que pautam os actos da sua vida rudimentar, o seu modo de existir em summa, que podemos pegar a ponta d'esta fiera que muita gente suppõe ir terminar no infinito. Será por certo preferivel e mais seguro fazer um estudo comparativo d'esses povos, a tirar deducções de factos antigos carentes de testemunho.

As ordalias, as provas de agua e de fogo, a bebida de veneno, em uma palavra, toda sorte de feiticierias, que ainda hoje caracterizam as praticas judiciaes dos povos selvagens, e que naturalmente devem ter sido as mesmas dos actuaes povos cultos, quando tambem no estado de selvageria primitiva (\*) constituem as principaes formas rudimentares do processo que hoje temos como força mantenedora do edificio social.

Essas ceremonias congeneres ás que certamente deram começo ao processo actual, podem ser constatadas todas e o tem sido galhardamente pela passagem continua e espontanea do homem primitivo ao civilizado.

NEWTON BURLAMAQUI.

(\*) T. Barreto. Estudos de Direito.

## O Evolucionismo no Direito Civil

(Conclusão)

O Direito Civil é lento e moroso em seu progresso e parece estacionario; porque difficilmente se deixa embeber das amenidades anthropologicas que cedo invadem outros ramos da arvore juridica.

Não obstante a lentidão com que evolue e a apparente crystallisação de suas normas ha contudo, segundo Rudorff von Ihering, (1) a formação scientifica do Direito Civil nas *regras latentes* de envolta com as *regras expressas* que podem ser entendidas no seu conjunto por quem sabe ler *entre linhas*.

Evolucionismo do Direito Civil, deve ser entendido a adaptação de normas novas ás condições culturaes de cada povo sem que o espirito de nacionalidade e o principio essencial do Direito sejam sacrificados pelo capricho architectonico de philosophos juristas.

O estudo da biologia, paleontologia linguistica e outras sciencias bastante luz projectam ás investigações feitas sobre as origens dos diversos institutos juridicos; mas não se póde absolutamente desprezar, para completo esclarecimento d'esses institutos a historia e a tradição que, segundo autorisados pensadores, são de maior valia do que as sciencias supracitadas.

Com effeito, si as sciencias naturaes illuminam pontos obscuros de philosophia dando direcção segura ao neophito que se emmaranha em seus dominios, não é menos certo que querer applicar essas leis, deslocando-as do seu meio, ao desenvolvimento do phenomeno juridico é fundir em um mesmo crysol o mundo physico e moral, é desconhecer a constituição intima de cada um.

Todas as descobertas que se hão feito em physica, chimica e mechanica quando applicadas convenientemente á desenvoltura do Direito são de grande alcance pratico.

O phonographo, por exemplo, póde servir para as disposições de ultima vontade, para a factura do testamento, para a realisação de contractos, etc.

O evolucionismo applicado aos phenomenos moraes não póde ser accito com a mesma amplitude que tem nos phenomenos propriamente *naturaes*; pois que ha preceitos de conducta tão antigos quanto o mundo que entretanto não mudaram, não evoluíram e que ainda imperam no apogeo da civilisação hodierna, impulsionando milhões de corações para a meta commum, aspirada pela humanidade sem presequiosa de ideal e de luz.

Bem razão tem o douto Mestre Dr. Cirne, quando em notavel artigo diz: « Não é mettendo as mãos até os cotovellos em prehistoria e induções anthropologicas, que se poderá estudar a sociedade moderna, as suas necessida-

des e as reformas que convem ser feitas na legislação e doutrina para collocar o Direito Civil ao nivel d'essas mesmas necessidades». (2)

Uns occupam-se mais dos primordios da humanidade escavando quanto *silex* e *palaffitas* ha soterradas para d'ahi induzirem que o sentimento do justo não havia abrolhado no cerebro do homem primitivo; outros apegam-se ao rochedo escarpado de uma philosophia acanhada e exclusiva não vendo nas manifestações intellectivas senão meros movimentos musculares, atritos de ganglios e resultando d'esse deslocamento mechanic a seriação de factos de leis, de normas reguladoras da vida social.

RODRIGO COSTA.

## Contrastes

AO MESTRE DR. EUGENIO DE BARROS

Variavel em tudo é esse epaço,  
De que a humanidade é massa aerea;  
Aqui reina a maldade deleteria,  
Alli dorme a innocencia em doce laço.

Uns ostentam grandezas sem cansaço  
(Só em todos igual é a materia) !  
Emquanto que outros surgem da miseria  
Em que vivem morrendo a cada passo...

Oh ! quanta social desigualdade !  
No mundo mais se vive na amargura  
Do que mesmo na sã felicidade...

O Creator, creando a creatura,  
Se deu-lhe igual materia e castidade,  
Por que tambem não deu-lhe igua ventura ?

AUGUSTO ARISTHEU.

## Seleccção

FRAGMENTO D'UM ROMANCE

(A Augusto Cavalcanti)

Meio dia limpido, luminoso e ardente... hora silente do silencio da natureza morna e quieta, e rumorosa dos sons e ruidos da agitada vida social. O sol, perpendicular, envolvia a terra em torrentes de carícias fogosas, beijando-a com osculos de luz, enlaçando-a em amplexos de calor e vida... e o planeta, tepido e lascivo, calmo e fecundo, seguia seu curso, indifferente ao grande tapete de vida e de morte, de paz e de guerra, de industria e commercio, de sciencia e arte, que sobre sua vastissima superficie desenrola a grande mão da Civilisação... Movia-se o pobre planeta, inconsciente da enorme carga de vaidades e egoismos, de interesses e ambições, de miserias e corrupções que lhe pesa mais no dorso do que tudo quanto existe sobre elle.

Calor de Senegal espraia-se pela atmosphaera, reverberado da terra crestada pelo sol. A respiração quente do solo enervava uns e febrilizava outros.

Na rua do Imperador conversava-se aos grupos em politica, em Canudos, em jogo de bichos e na vida alheia. N'estes semblantes resumbrava o máu humor, a contrariedade; n'aquelles filtrava-se a apathia, o embotamento das energias trazido pela soalheira; em muitos outros tripudiavam a frivolidade, a maledicencia e a vagabundagem.

Tres rapazes entraram no « Luso ». O jogo dansava nos bilhares, galho-feiro ou sisudo, agitado ou sereno, chacoteando ou maldizendo-se, rindo ou praguejando, conforme o temperamento, o humor ocasional e o azar de cada um d'aquelles em quem elle se transfundia.

Os recém-vindos sentaram-se em torno de uma mesa vasia e pediram refrescos. Tomavam-n'os aos goles, distraídos; suas attensões, irrequietas como borboletas, resvalando por um ou outro tacho, iam pousar n'esta ou n'aquella bola, d'onde subiam para tal ou qual semblante.

Depois d'essa ligeira inspecção, entraram a conversar.

— Já sabem !? Estamos *perdidos*: um nucleo de rapazes *notaveis* acaba de lavar contra nós o *verdictum* de degenerados, disse um d'elles.

— Sim, já sei; tu foste classificado doente moral, eu, degenerado e o nosso amigo Oscar, desequilibrado.

— Mas nós não somos os unicos que têm sido alvo da analyse e condemnação d'esses *adiantados alienistas* e *psychiatras*; diversas vezes tenho ouvido nos jardins, nos *cafés* e bilhares: « Pedro é um imputavel, um degenerado; Paulo é um doente, não vale a pena tomar-lhe satisfações do que diz, porque é irresponsavel; Jeronymo, que passa por bom, catholico e intelligente, não é mais do que um desequilibrado, devemos ter compaixão d'elle; tal outro soffrede *nervose mystica* », e assim por deante. Já vêem, pois, vossês que não ha razão para desesperarmos com isso, falou Oscar.

— Tens razão, respondeu Alcibíades, o segundo interlocutor. Effectivamente, depois que se creou nas Faculdades de Direito a cadeira de medicina legal, o chamar a outrem degenerado tornou-se um vezo que vae assumindo a feição de uma d'essas epidemias que lavram entre um modernismo estreito, modernismo de palavras, jactancioso e balofo. Entretanto aposto que muitos d'esses *modernos* não sabem dar a verdadeira definição de degenerado, apresentar seus caracteres, distinguil-o do desequilibrado e falar sobre os estigmas de degenerescencia; si soubessem, não malbaratariam tanto esses epithetos, ainda mesmo que reconhecessem ao pé de si alguns exemplares. A verdadeira sciencia é sensata, pudica, recatada e mesmo caridosa; não é tão exhibitivo-

(1) Citado pelo Dr. Cirne. *Revista Academica* 1896 pag. 62.

(2) Dr. Adolpho Cirne. *Revista Academica* citada pag. 74.

ria nem tão espalhafatosa, não depende inaneamente tanta idéa, não espezinha os outros sem motivo para isto.

— Chamas vezo ou epidemia o modo de proceder dos *modernos*; eu qualifico-o antes de uma degenerescencia especial, ponderou Alberto, o primeiro que falára. Com effeito, admittamos que somos degenerados: toda a humanidade o é, na opinião de muita gente bôa. Si somos degenerados, porque praticamos o bem, porque cumprimos intransigentemente os nossos deveres, não soffrerão, com mais fundamento, d'uma degenerescencia trivial e malfazeja aquelles que, a cada momento, acoimam os outros de degenerados, sem outro motivo além do de conculcar malignamente suas bôas qualidades? Sem duvida alguma; mas, para não imitar os atacados d'essa especie de degenerescencia, chamemol-a antes uma mania. E com certeza elles já procedem assim machinalmente. Começaram a usar dos termos—degenerado e desequilibrado—por mera vaidade e aneio de renome, depois por inveja dos dotes intellectuaes e moraes dos outros que elles procuravam abater e neutralizar d'este modo, e finalmente por excesso de covardia que occultavam no imaginario capote da irresponsabilidade dos adversarios; agora procedem automaticamente, obedecendo a uma verdadeira mania que os empolgou.

— Esplendida descoberta! retorquiu Oscar. Descobriste uma nova mania; chamemol-a *degeneromania*. Falta definir-a. Convém aproveitar na definição todos os factores de que temos fallado e que concorreram para a formação e definitiva caracterisação da nova mania, actuando em seu periodo embryonario e em todo o seu periodo de desenvolvimento.

Definamol-a assim: *degeneromania é a mania de chamar os outros degenerados, reveladora de ignorancia, vaidade, pedantismo, inveja e covardia*. Talvez seja uma definição arbitraria, mas é expressiva e o mais synthetica possível. *Degeneromaniaco* será todo o paciente de *degeneromania*.

— Assim aquelle com quem o Calixto teve ha poucos dias uma renhida altercação é um *degeneromaniaco*.

— Não ha duvida, confirmou Alberto. Mas a proposito de altercação, não sabes, Alcibiades, que abriu contra ti uma terrivel campanha de diffamação o Evaristo, com quem altercaste ontro dia tão desabridamente? Contam-me que elle maldiz muito de ti... debes, pois, esmagar a serpe da calumnia que encontrou n'elle o melhor dos instrumentos para atirar-te formidaveis botes... procura tomar um desforço pessoal.

— Qual! não vale a pena, elle é um *degeneromaniaco*.

— Isso é uma justificativa que, desculpa-me dizer-t'o, te tornará igual a todos os *degeneromaniacos*. A mania que descobrimos não devemos utilizar-a como pena de Talião, como arma de

represalia; isto nos egualaria aquelles que acabamos de profligar. O que debes fazer já e já é abafar na estufa da energia as vozes da calumnia e da inveja.

Nos olhos de Alcibiades fuzilaram relampagos de colera, e elle respondeu as seguintes palavras desmentidas por seu olhar e sorriso faiscantes:

— A melhor vingança, quasi sempre, é a indiferença. Ha typos que são verdadeiras rãs intumescidas de orgulho que se espolinham em charcos mephiticos, d'onde, coaxando de inveja e odio impotentes, atiram lama sobre aquelles que lhes são superiores; mas essas rãs são tão pequeninas e fracas que não podem atirar alto a lama em que vivem, e esta, amiga das rãs, volta a confundir-se com ellas em um consorcio de esterquilinio. Si as misereras ousarem sahir dos pantanos infectos em que vegetam nédias e indolentes, e vierem, aos pulos incertos da inconsciencia, collocar-se em nossa estrada, o mais que nos cumpre fazer é arremessar-lhes o ponta-pé do escarneo e a saliva do nojo. Isto já é uma grande consideração: não convém esmagar-lhes as cabeças, porque, coitadinhas! não nos farão mal algum.

— Attende, meu amigo, ha tambem sapos venenosos, e o seu veneno pode infeccionar-nos, quando elles o distillam sobre nós. Demais a agua putrida em que se espojam é muitas vezes caracter e ouro liquefeitos, e essa agua pôde gelar, solidificar-se pelo inverno glacial da bajulação e complacencia frias da sociedade.— O vento da lisonja, acariciador e caprichoso, formará columnas de ouro e lama amalgamados, os sapos transformar-se-ão em ratos, e estes subirão aos capiteis das columnas, onde, transformados em morecos, nos poderão fazer mal, muito mal, esvoaçando ás tontas em nossa atmosfera luminosa, e podendo, durante a noute da traição formada por suas azas negras, surprehender-nos no somno do descuido e da confiança e sugar-nos o sangue purissimo da honra. A indiferença, em taes condições, é synonymo de cynismo, o desprezo, o capuz da pusillanidade. Perdoar e seguir seu caminho é uma *historia*. Isso de contemporizar já não se coaduna com o actual estado de sciencia e progresso; nem sempre um poder superior faz com que a tiara da virtude esmigalhe o sceptro do ouro, e a espada dourada se quebre de encontro á couraça da intelligencia. Na lucta pela vida devem vencer os mais fortes. São mais fortes aquelles que têm mais força moral e intellectual. A sua supremacia deve realizar-se e realiza-se quasi sempre naturalmente; mas, quando a audacia dos fracos protegida por uma sociedade mercantilizada quizer estorvar seu predomínio, a força physica deve vir em auxilio das duas verdadeiras forças. E nem por isso o triumpho dos mais fortes deixa de ser natural, segundo penso. Obedeço certamente a uma lei fatal, reagindo materialmente contra os que

quizerem me supplantar, sendo mais fracos do que eu: não sou eu quem age, é a propria natureza que me escolhe para executar uma lei sua e castigar o violador d'essa lei.

Só ha uma oligarchia—a que vive consubstanciada nos proprios individuos. Só admitto a aristocacia do espirito e a nobreza do coração; não reconheço absolutamente a hegemonia do ouro, da classe, da posição e da propria raça.

Perante os superiores a mim pelo cerebro eu tiro o chapeo e curvo-me respeitoso, e ajoelho-me reverente deante dos que forem pelo coração mais nobres do que eu; os inferiores a mim que, desconhecendo a sua inferioridade, quizerem abater-me atirando-me ás faces moedas de ouro, eu saberei esmagal-os por todo e qualquer meio.

Os fulgores da intelligencia e do sentimento devem sempre offuscar os do ouro; eis porque eu reitro os meus conselhos, dizendo-te que reajas materialmente contra esse pedaço de ouro ambulante, ouco, inflado de vaidade, orgulho e pretensões fofas, que só tem valor exterior, dado por cousas adventicias. Olha não fiques vencido na lucta pela vida, seria uma offensa ás leis naturaes.

Alcibiades estava preocupado e nervoso. Oscar, que ouvia silencioso o dialogo dos dous amigos, intrometteuse entre elles e disse olhos mysticos e semblante de paz:

— Absolutamente! Não convém absolutamente proceder como dizes. Seria offender a familia, seria renegar a religião. Deus é o supremo juiz: não devemos fazer-nos justiça a nós mesmos. Deus saberá levantar uma montanha entre os bons e os maus; a escolha e a separação serão feitas com muita justiça. Quando Elle não recompensa os bons e não castiga os maus n'esta vida, fal'o infallivelmente na outra. O perdão sublimiza aquelle que o concede e pode regenerar aquelle que o recebe. E' uma virtude e um castigo ao mesmo tempo. E'....

Alberto interrompeu-o bruscamente e disse:

— Basta. Deixemos d'isso agora. Não te lembras mais das infamias que nos irrogou o Evaristo ha uns dous mezes!? E' preciso vencer a todo o transe, quando se é offendido e se dispõe de elementos. Esperar em recompensas d'esta e d'outra vida é cousa problematica. Além d'isto Deus não havia de querer o sacrificio da dignidade. Reajamos energeticamente, esmaguemos as viboras que nos mordem.

Esta ultima phrase produziu effeitos diversos nos animos de Oscar e Alcibiades. Calaram-se impressionados e intranquillos os tres.

Oscar, doudo por falar, ia romper o silencio, quando entraram no bilhar, alegres e descuidados, quatro rapazes. Um d'elles era o Evaristo; deu-se uma terrivel troca de olhares entre elle e Alcibiades. Os quatro puzeram-se a jogar entre risotas e *flauteios*. Ouviase entre elles um murmuro de

indirectas dirigidas aos amigos que estavam sentados em torno da mesa proxima.

Cahio dos labios de Evaristo uma palavra que echoou nos ouvidos de Alcibiades como um silvo de bala e em seu coração penetrou como uma flecha acerada. Este levantou-se furioso, olhares e semblante abrazados pelas labaredas da colera, e disse incisivo e terminante ao seu inimigo :

Acabo de saber, miseravel, que me calumnias, e acabo de ter a certeza ao ver a baba que distillou a tua bocca de cascavel ; previno-te que, si continuares, eu saberei reagir... e reagirei terrivelmente.

Uma amarellidez terrosa, de barro attestou a covardia do outro comprovada assim :

— Vossê !? Vossê é um degenerado, um incapaz, um covarde, um....

Duas vezes successivas a bocca negra d'um revolver proclamou em voz surda e sombria a victoria do mais forte, emmudecendo talvez para sempre a bocca do mais fraco.

Ao soarem as ultimas palavras de Evaristo, o sangue de Alcibiades pareceu refluir-lhe todo ao coração, como si quizesse dar-lhe forças para soffrer a punhalada da inimidade covarde e trahidora. Quando desfechou em seu inimigo os tiros que não foi possivel evitar pela celeridade da acção, cobria-lhe as faces uma mortalha livida —mortalha que attestava a morte transitoria da razão para dar logar ao dominio absoluto da materia.

Fez se uma agitação indescriptivel.

Oscar, acercando-se de Alcibiades, que ainda nada comprehendia do que tinha succedido, dizia-lhe : « Que desgraça, meu Deus !... que fizeste !?... um criminoso, tu !... impossivel !.. Elle terá morrido !.. Virgem Santissima !..

Alberto, depois de ter contemplado Evaristo reclinado n'uma cadeira e cercado de seus companheiros e de curiosos, foi reunir se aos seus dous amigos, a quem disse cathorico e relativamente calmo :

— Antes assim. Em todo o caso a calumnia foi esmagada e a selecção está feita. E Alcibiades, que eu conheço profundamente, não é criminoso. A Natureza faz muitas vezes com que o homem absorva, em momentos dados, o cidadão, o crente, o pae, o filho, o esposo, o irmão, para que elle, seu filho submisso, cumpra cegamente suas ordens e execute suas leis. Foi o que se deu. A selecção que acaba de dar-se, embora tenha sido uma selecção *sui generis*, feita a tiros de revolver, não deixa de ser um phenomeno natural, porque foi a propria natureza que obrou pela mão de Alcibiades. Isto é um exemplo de grandes effeitos psicologicos nos espiritos dos petulantés, dos nullos enfatuados e malfazejos... e a selecção de outros far-se-á muito livre e espontaneamente.....

GONZAGA DE ARRUDA.

## A domadora

Seu corpo é de divinos  
Moldés, como o de Venus ;  
Com gestos bons, serenos  
E filtros peregrinos,

Penetra, ao som dos hymnos,  
Na jaula, em circos plenos,  
E curva a seus acenos  
A juba dos felinos.

E ella que altiva impera  
E pasma a multidão,  
Fria de horror talvez,

E' como deosa austera,  
Tendo um enorme leão,  
Impavido, a seus pés !

AUGUSTO CAVALCANTI.

## Pontos nos i i

Temos muita vontade de escrever serio para essa gente que constitue o chamado « Congresso Academico » do *Café Riche* ; desejamos mesmo muito collocar os pontos nos *ii* em toda essa trapalhada, que tem motivado cochichos por todos os angulos de nossa Faculdade ; esqueceramos até todos esses odios, todos esses caprichos, todas essas prevenções que sobre modo nos desagradavam, contanto que se restaurasse a harmonica solidariedade academica de outros tempos, quando não havia nem um « Congresso » só, quanto mais dois, e então todos bem unidos, trabalhando conjunctamente, dominados pelos mesmos principios. defendessemos os nossos interesses, honrando cada um o seu proprio nome e o nome de seus antepassados, enquanto singrasse o batel de nossas aspirações em demanda do porto a que tão sofregamente nos destinamos !

Entretanto não podemos fazel-o, a despeito de nossa boa vontade, porque mais de uma gargalhada petulante arrebentam desassombadamente em torno de nós, e como esses excessos são naturalmente contagiosos, gargalhámos tambem, mas gargalhámos muito, tanto, que interrompemos o nosso trabalho.....

E lá fóra os sinos em côro vão badalando, badalando tetricamente, dizendo funeraes áquelles que não mais partilham misérias terrenas, não mais gargalham nem mais choram, porque dormem o somno sem sobresaltos, envoltos no lençol poeirento dos tumulos.

Meu Deus ! Nem o dia de finados, com todos as suas lamentações sinceras ; nem o erepitar dos cirios lacrimando á borda das sepulturas ; nem as saudades dos vivos que se desfolham sobre as cinzas dos de alem mundo ; nem o incenso sagrado que sobe ao vosso throno, de envolta com as orações de vossos ministros.... nada disso, meu Deus ! nada tem conseguido reter a pressão de minhas gárgalhadas, torneira invencivel dos meus devaneios academicos.

São talvez os nossos ultimos arranços de *calouro*, como elles o disseram ; mas *calouro* que não se curva aos ditames insensatos de muito veterano sem cotação na praça do jornalismo ; *calouro* que sabe calçar a luva de pellica quando pisa a alcatifa dos salões aristocraticos, mas que tambem sabe levantar a vergasta para reprimir a insolencia do garôto que se eieva da poeira para assoviar-lhe ao pé do ouvido ; *calouro* que não vae pedir a veteranos poesias nem cartas amorosas para *metter figura* junto de suas predilectas ; *calouro*, emfim, que tem a espinha indomavel como elle mesmo e que ali na Faculdade só presisa da affabilidade de seus amigos e da benevolencia e consideração de seus mestres.

Desses que andam castanholando pelos corredores da velha Academia, occultas as feições sob o nariz de cera, vestindo o *pirot* dos sectarios do deus Momo ; que gastam os momentos caros do estudo na pratica de sordidas intrigas, propagando a desharmonia e o enrêdo como o Honorio do Prado propaga o *Eu era assim* e o Henrique Couto as vantagens e maravilhas do « Congresso » do outro lado.... desses nada esperamos, porque absolutamente não lhes reconhecemos prestigios, nem autoridade, nem nada.

Dóe nos muito faliar com essa franqueza, a que ainda não estamos aferados ; mas elles assim o quizeram : assim o tenham.

Todos bem podiam estar divergentes ; todos em franca e decidida opposição ; todos rezando o crêdo compativel com os seus principios ; cada qual constituir uma associação, accumulando os cargos do presidente, secretario, thesoureiro, orador, *et reliqua* ; escrever mil e um artigos nos outros tantos jornaes sob sua exclusiva direcção ; contemplar os seus nomes mensalmente em typo oito no final de seus artigos, e fazer quanto quizessem e não quizessem, porque todos são livres e têm o direito que lhes faculta o art. 72 da Constituição federal e os §§ 3.º 8.º e 12 do mesmo artigo.

Os Srs. Castello & C. isto é, os Srs. Castello Ottoni e Paulo Couto com todos os outros *socios* interessados, bem podiam fundar a sua futrica até debaixo da ponte da machambomba, quanto mais em um dos departamentos da casa de pasto da Soledade ; mas não viessem se metter em coisas que lhes não dizem respeito, uma vez que já não fazem parte do « Congresso Academico » e nos trahiram a sangue frio.

Elles, que tentaram escalar a sala onde funciona o nosso gremio academico ; elles, que, vaidosos ! pretendiam nos dar queda por meios indecentes e incompativeis com a tatica social ; elles, que, sem reflexão e calma, aggrediram até dentro da Faculdade a um de nossos laboriosos socios porque esse tem a nossa tempera e não se curva a esgares experimentaes ; elles, emfim, que foram mal succedidos em todos os seus planos, des-

peitados agora e cheios de paixões, procuram vingar-se, vibrando a arma negra da calúnia e, não obstante, vão rolando de queda em queda, sofrendo assim a consequência de seus actos impensados, graças á ordem natural das cousas e á energia dos valentes esteios de nossa valente associação, cuja bandeira fluctúa gallardamente, desassombadamente embalada pelas auras sonoras que não podem chegar nos espaços acanhados, como sóe ser o em que vegeta o tres vezes digno de lastima « Congresso Academico » do aterro da Boa Vista.

Pelo dia de hoje, dia da commemoração de todos os mortos, nós nos apiedamos dos nossos ex-consocios, e, não entre lagrimas, mas entre gargalhadas, fazemos a apothose do seu máo successo.

Amen.

2 de Novembro de 97.

AUGUSTO ARISTHEU.

## Volta

(AO ANTONIO LEITÃO)

Chegára o inverno ! O vôo levantava um bando encantador de passarinhos alegres e saudosamente deixava as plagas santas e bemitas dos lares patrios. Elles iam tristes, cantavam saudades. Pequeninhas e saltitantes como creanças têm um coração mais amplo, onde maior quantidade de saudades agazalha-se do que muitos homens tão grandes e de almas tão pequenas para quem esta phase mystica da vida é uma chymera.

Elles iam... mas levavam a patria em cada um d'aquelles coraçõezinhos. E, como que pesados, rasgando uma atmosphera pesadissima, pousavam nos debeis galhos d'aquellas arvores, palacios immortaes de cupulas de flores, que até bem pouco tempo lhes prodigalisaram tantas blandicias, tantas alegrias. Voavam outra vez e outra vez baixavam o vôo... descansavam. Era que as saudades, a mortalha branca de nossos coraçõezinhos vivos, pesavam muito e o vôo lhes embarçavam.

Afinal se decidiram e n'um bater de azas constante galgaram espaço e desapareceram como uma nuvem esgarçada á luz nitente do sol.

Ia entre elles uma avezinha mansa que ainda não tinha visto o inverno e portanto nunca sahira, nunca viajára. Era a mais triste, a mais saudosa entre todas tristes e saudosas.

Parecia um sonho aquella viagem, e os novos climas, e os novos horisontes miragens ; voava sempre e sempre incredula...

\*

Algida manhã se desdobrava n'um campo nemoroso enfeitado de focos brancos de neve, attestando a passa-

gem do inverno por aquellas paragens ermas de flores. Apesar da neve apparecer apenas nos pontos mais elevados e do frio ainda imperar, tudo ria-se, porque todos esperavam o sol que promettia derreter a neve e banir o frio.

Um rancho folgazão de lindos passarinhos vinha e saracoteava doudo de alegria, doudo de prazer.

Pousaram sobre o matagal e começaram a cantar, e n'esta orquestração sublime, inimitavel de musicos que interpretam arias feitas pela natureza o sol vinha tantannicamente subindo, vagarosamente ascendendo ao zenith, ao seu throno inaccessible. A luz se diffundira por toda parte, os passaros callaram-se, mas um permaneceu ainda mais melodioso, mais atrahente.

Cantava e cantava ainda até que um corpinho lesto e brando cahira sobre a argilla fria que o matagal sombriava e uma voz sublime, celica, abemolada ainda ouvia-se a subir, a subir para desaparecer na terra e continuar no infinito.

A avezinha que morrera cantando fôra aquella mesma que nunca vira o inverno e suspirando partia.

\*

Olha bem minha, loura Esther : Quando a fatalidade te obrigou a fugir do inverno de minh'alma que banira o sol da crenga tu foste, e foste chorando como a avezinha saudosa. Lá te detiveram e tu sempre triste, sempre soluçante não vias senão esta alma, que para os outros feia, sem luz, sem amor para ti só ella era bella, só era luz, só tinha amor.

Voltaste... eras tão bella e tão alegre ficaste e cantavas tanto, que eu, parecendo evolar-me na vaporosa atmosphera que teu cantar sublime fizera, permanecia em extasis. Não me havias esquecido e sentias a forte pressão da saudade mesmo ao calor primaveril d'outros coraçõezinhos que tu odiáras. Voltaste-me e ao som dos risos puros e sinceros morreste cantando as arias sublimes que só os olhos comprehendem enquanto te amortalhavam com a capella de flores de laranja e o branco véo de noiva...

Morreste para o mundo de loucas seducções e te eternisaste no infinito de minh'alma.

CORRÊA LIMA.

## 15 de Novembro

Ha oito annos que implantou-se no solo brasileiro a Republica, saudada em seu inicio pelos risos e flores de toda uma geração enthusiatica capaz de grandes empreendimentos e titanicas acções.

Oito annos soam em seu prepassar continuo : os sonhos de outr'ora e objectivaram em realidade palpavel, a inconsistencia da idéa avolumou-se, for-

mandou a caudal immensa que espraizou-se pelo Brazil todo.

Ao em vez, porem, dessa caudal humedecer a terra preparando-a para a floração de suas arvores e vigor de seus fructos, foi como um *simon* escaldante a falar os campos, transformando-os em velhacontos de sordidos conciliabulos onde o menos que se perde é a inteireza do caracter.

Comquanto a Republica até agora só nos tenha envolvido em nevoeiros espessos, difficultando-nos lobrigaro cimo da montanha azul onde a concórdia e a pazsociaes, se consorciam em perenneconnubio cremos que no futuro as indecizas formas fugidias desapparecerão emergindo a granitica textura sobre que repouzarão solidamente as instituições que nos regem.

Luctas intestinas, odios irreconciliaveis, conspirações infames hão investido contra a Republica embarçando a sua marcha vagarosa e boa, lançando traves e destroços no caminho dos seus triumphos.

Como é contristador ver a dissolução do caracter nacional, afundando se cada vez mais no esterquilinio de todas as baixezas !

Só uma corrente energica de selecção moral poderal joeirar a massa anonyma e dahi tirar os espiritos de eleição, cujo pundonor esteja na razão directa do seu civismo.

Esses homens, grandes pelo coração e pelo espirito ainda os ha recolhidos á modestia do lar, desconhecidos aos *leguleios* do poder que tudo empolgam em suas aduncas garras de suborno e corrupção.

Essa forte corrente de selecção moral fará surgir os competentes da infome mole humana componente da sociedade brasileira e assim do encadeamento de successões patrioticas na direcção dos publicos negocios, brotarão a estabilidade e vigor das instituições, radicando-se dia a dia na consciencia popular.

A politica não deve ser uma simples escala por onde se sobe ás cumiadas das posições officiaes ; mas uma sciencia que tem seus principios directores uma escola de moralidade publica e de serviços patrioticos em que as bellas qualidades moraes do cidadão se esteriotypam em abnegados empreendimentos pela causa da Patria.

Sim, é fazendo da politica apostolado que poder-se-á cimentar na opinião a idéa segura de que a Republica é verdadeiramente, a consubstanciação do dever e da honra, do civismo e do direito.

Exiguo é o numero dos caracteres impollutos que arrostar possam a miséria que por toda parte campêa estridula e andrajosa saturada das emanações deleterias das mephiticas michelas.

A salvação do Brazil depende somente da existencia desses patriotas immensos, gigantes, capazes de levar a náó do Estado ao seu termino.

« Demos a patria o que lhe falta ! coraçãõ virgem, ideal virgem » conforme sentença Guerra Junqueiro.

Salvemos a patria do seu descalabro, injectemo-lhe nova seiva, estirpemos as damninas parasitas da ociosidade e do crime e deixemos a engrenagem do trabalho profiqno e diuturno transformar os baldios apaulados do egoismo ignobil.

Não desesperemos dos nossos infortunios; porque *um homem unico, heroico e santo*, disse o auctor da *Morte de D. João, capitão e vidente, ajoelhou, resou, brandiu o gladio e salvou a patria; como? pela fé: attrahindo Deus, absorvendo Deus, irradiando Deus.*

Quando não tenhamos esse homem unico para fazer o que Nuno Alvares operou em Portugal no seculo 14; teremos uma serie de esclarecidos estadistas que nos levem ao bonançoso porto em que as mãos dos nossos corações encontrem o conforto, a paz e a serenidade da consciencia.

R. C.

## Miraval

(INEDITO)

Que variado esplendido painel,  
Ante os meus olhos avidos se estende!  
Aos paramos que o sol por cima incende  
Sottopõe-se nas aguas um vergel!

Copado o bosque—selvatico docel  
Retracta-se no lago, onde se prende  
A inversa forma... e a gr-ça que alli fende  
Os apes, apparenta-me um baixel!

Beija o rio a lympha os nenuphares,  
Das arvores no tremulo raminho  
Os passaros modulam seus cantares...

Eis da paz o recesso, o doce ninho,  
Aqui não cresce a dôr, não ha pezares,  
Tudo é belleza, encanto, amor, carinho!

Jericó.

OLYNTHO MEIRA.

## Archivo

—Do infatigavel e operoso Major Codeceira recebemos o magnifico discurso pronunciado no *Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano* a respeito de Domingos Fernandes Calabar, cuja memoria o *Guttemberg* pretende reivindicar tirando-a do tenebroso cahos da traição.

O escripto do historiographo pernambucano bastante luz projecta sobre a questão, affastando duvidas infundadas que possam pairar no espirito do leitor.

Não pretendemos esmerilhar o assumpto, não só porque nos fallece competencia senão tambem pela exeguidade do espaço de que dispomos; entretanto parece-nos que a glorificação posthuma que lhe querem fazer em Alagôas carece de fundamento historico para firmar-se na consciencia popular.

—O Instituto Litterario Olindense tem realisado conferencias litterarias em sua séde em Olinda na antiga Academia de Direito. A primeira conferencia foi feita pelo talentoso Conego Machiado, a segunda pelo provector orador Dr. Albino Meira, que fallou sobre o vulto sympathico de Bernardo Vieira de Mello, aquelle que pela vez primeira teve a idéa de proclamar a independencia da Patria e de constituir-a sob a forma republicana. O douto conferencianista prendeu a attenção do auditorio cerca de 1 hora, deixando cahir de seus labios aquellas bellas palavras de que os privilegiados talentos somente têm o condão.

Applaudimos sinceramente a idéa das conferencias iniciadas pelo Instituto Olindense, cuja missão proficua-mente educadora pode fazer sentir-se nas cârnadas populares, que tanto precisam de fontes onde bebam o ensinamento puro da sciencia.

Felicitemos ao indefesso Dr. Guedes Alcoforado pelo brilhante exito que ha tido a sua idéa e fazemos votos para que o ambito do Instituto se alargue espargindo luz nos habitantes da vetusta Olinda.

—Os bacharelados de direito, por occasião do encerramento do Curso de Historia do Direito Nacional, offereceram a seu illustre mestre, Dr. Carneiro Leão, uma custosa escriptinha em que se lê a seguinte inscripção: *Ao Dr. C. Leão, offerece a 4. serie de 97.*

Foi incumbido de offerecer o mimo em nome da serie, o redactor chefe, desta folha, nosso collega Newton Burlamaqui, que fez em eloquente synthese a apothese do illustre mestre.

O Dr. C. Leão, em discurso magistral agradeceu aos seus discipulos semelhante prova de estima, e fazendo larga digressão sobre a vida publica, pediu-lhes finalmente que não se esquecessem de trabalhar pela salvação da Republica brasileira afim de arranca-la do pélagos que a vai envolvendo.

—Da Capital Federal regressou o nosso illustre mestre Dr. João Elyzio, digno lente de Theoria do Processo. Foram abraçal-o na praça da Lingueta os nossos collegas da 4. serie juridica.

—Chegou de Canudos o 14 batalhão deste Estado que foi cumprir o arduo dever da defesa das instituições patrias nos sertões adustos da Bahia. Com quanto não faça parte do programma da nossa folha a idéa politica deste ou daquelle grupo que se degladia na arena da vida publica, pois que a nossa politica é a do patriotismo immaculado e dos generosos sentimentos altruisticos, contudo sentimos uma corrente de sympathia sincera por esses valentes soldados, obscuros cidadãos armados que são a guarda avançada da Republica.

Heroicos luctadores, phalange brilhante dos filhos do Norte vinde refocillar na clareira doce dos affectos intimos. Fortalecei o vosso espirito, blindando o coração na scintilhante fortaleza do amor patrio, affastando de vós os botes das especulações torpes

que desgraçadamente têm explorado a vossa farda que deve ser impolluta.

A recepção do 14 foi uma esplendida apothese popular que veio como que sellar os triumphos alcançados na fratricida guerra levando-lhe o amplexo das boas vindas.

—Começaram hontem e terminarão amanhã as manifestações de prazer pelo termino da lucta de Canudos, cuja expansão havia sido suffocada pelo luto nacional, consequente do assassinato do marechal Bittencourt. A festa de hontem, constante de uma missa e *Te-Deum* solemnes realizados na Conceição dos Militares, foi devida á iniciativa de distinctas senhoras... Esplendente consorcio da luz da alma christã com a luz do coração patriótico!. Significativas flores que do coração da mulher brasileira cahiam sobre a patria terrestre, ao mesmo tempo que para a patria do céu voava sua alma em hymnos de gloria e graças! Hoje todas as classes, em imponente prestito, proclamarão pelas ruas os heróes vencedores da revolta sertaneja, e amanhã em bellos fogos de artificio explodirá, lampejante, o entusiasmo popular... Muito justas todas essas festas em honra dos denotados patriotas que apagaram em Canudos a fogueira que queimava tanta seiva, tanta energia, tanto patriotismo, ameaçando tragar até a liberdade e a democracia...

—Continuamos a receber a visita dos illustrados collegas. *A Provincia; Jornal do Recife*; os ns. 9 e 10. *A União*, órgão da classe typographica deste Estado, traz os retratos do Carlos Gomes e Giuseppe Verdi, é seu redactor-chefe o intelligente typographo João Ezequiel.

Agradecemos penhorados o honroso conceito que fez do nosso collega Rodrigo Costa. Os fasciculos 4. e 5. da *Crença*, recheiada de energicos e sensatos artigos de actualidade; *O Quinze de Novembro, Maceió*, e *O Orbe de Maceió*; *A Palavra* e *O Trabalho* de Penedo; o vol. 4. n. 13 da *Revista Trimensal do Instituto Geographico e Historico da Bahia*; *A Gazetilha* de Porto Alegre; *A Revista Juridica* dos nossos collegas da Faculdade Livre de Sciencias Juridicas e Sociaes; *Quinze de Novembro* e *Nacional do Pará*; o *Piahy* de Theresina; *O Amazonas* e *Rio Negro* de Maiãos, aquelle distincto collega da imprensa amazonense foi o mez passado victima de vandalismo ignaro de assalariados asseclas do partidarismo imbecil, apresentamos-lhe os protestos de nossa solidariedade. *A Ordem* de Sobral, aquem agradecemos a gentileza da transcripção de artigos nossos. O n. unico do *Onze de Outubro* da Fortaleza com um primoroso retrato do Governador do Estado Dr. Accioly. *A Revista de Educação e Ensino*, a cargo da instrucção publica municipal do Distrito Federal; o n. 4 que possuímos traz brilhantes artigos de Araripe Junior, José Verissimo, Olavo Bilac e Manoel Bomfim.

Os fs. 32 e 33 da *Revista Catholica*.